



**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor

Luis Isaías Centeno do Amaral

Direção de Gabinetes da Reitoria

Taís Ullrich Fonseca

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelon

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação

Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira
Ourique

Repr. das Engenharias e Computação: Darci Alberto
Gatto

Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto Mello
Garcia e Marines Garcia (suplente)

Repr. das Ciências da Saúde: Francisco Augusto
Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina
(suplente)

Repr. das Ciências Agrônômicas: Cesar Valmor
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira
Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas
Arigony Braga (suplente)

Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da Silva
e Cláudio Baptista Carle (suplente)

Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla Rodrigues
Gastaud

Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa.
Beatriz Ana Loner*

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Prof^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof^a. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Angela Beatriz Pomatti, Éverton Reis Quevedo, Véra Lucia Maciel Barroso

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Théobald Chartran(1849-1907) Laennec, no Hospital Necker, ausculta um tísico na frente de seus alunos (1816) (1889), mural, Salle Péristoryle da Sorbonne.

Pareceristas ad hoc: Marcelo Vianna (IFRS) | Luciana da Costa de Oliveira (UNISINOS) | Cristiano Enrique de Brum (PUCRS) | Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) | Marlise Maria Giovanaz (UFRGS) | Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS) | Joana Carolina Schossler (UNICAMP) | Danielle Heberle Viegas (UNILASALLE) | Micaele Irene Scheer (UFRGS) | Zingaro Homem de Medeiros (UFRGS) | Aristeu Elisandro Machado Lopes (UFPel) | Eduarda Borges (UFRGS) | Marcia

Regina Bertotto (UFRGS) | João Gabriel Toledo Medeiros (UNISINOS) | Rodrigo de Azevedo Weimer (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Jonas Moreira Vargas (UFPel) | Clarissa de Lourdes Sommer Alves (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Regina Célia Lima Xavier (UFRGS) | Leonardo de Oliveira Conedera (UDESC) | Beatriz Teixeira Weber (UFSM).

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2020/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre:
Revistas de Livre Acesso | International
Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai
| Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** obra publicada em janeiro de 2021.**



Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.26/1, (dez. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020.

1v.

Semestral

ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

DOSSIÊ: HISTÓRIA DA SAÚDE, DAS DOENÇAS E DA ASSISTÊNCIA

APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION

ANGELA BEATRIZ POMATTI, ÉVERTON REIS QUEVEDO, VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO 8

SAÚDE TEM HISTÓRIA 12

ENTRE DIFERENÇAS E SIMILARIDADES: UM ESTUDO COMPARATIVO A RESPEITO DOS OLHARES SOBRE A “SAÚDE” E A “DOENÇA” EM “MANUAIS DE MEDICINA POPULAR”, HOMEOPÁTICOS E ALOPÁTICOS, DE FINAIS DO OITOCENTOS 13

ANDRÉ PORTELA DO AMARAL

CIRCULACIÓN, PRÁCTICAS Y MEDICINA POPULAR. EM REFLEXIÓN SOBRE EL CURANDERISMO EM EL SIGLO XIX ARGENTINO 32

ASTRID DAHHUR

“O EXERCÍCIO DE CURAR SUPÕE O HÁBITO E COSTUME DE O FAZER”: BOTICAS E BOTICÁRIOS NO OITOCENTOS NO BRASIL MERIDIONAL 45

PAULO STAUDT MOREIRA E NIKELÉN ACOSTA WITTER

SOBRE AS VIRTUDES MEDICINAIS DOS INSETOS NA OBRA *PARAGUAY NATURAL ILUSTRADO* DE JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR S. J. (1776-1776) 67

ELLANE CRISTINA DECKMANN FLECK

DO TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS À ENGENHARIA DE TECIDOS: A HISTÓRIA QUE TEM REVOLUCIONADO A MEDICINA E SALVADO VIDAS 90

LAURA SCHÄFER E MARIA HELENA ITAQUI LOPES

DOENÇAS E HISTÓRIAS 105

AS DOENÇAS E O ATENDIMENTO AOS ENFERMOS NOS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO (SÉCULO XVIII) 106

ROGÉRIO MACHADO DE CARVALHO

“MUI SEÑOR MIO, DESPUES DE HAUER RECONOZIDO LAS MEDIZINAS, PARESE QUE HA ENCONTRADO DE MENOS TODO LO QUE PARESE SU PAPEL”: UM ESTUDO SOBRE OS TUMORES NO PARAGUAI COLONIAL (SÉC. XVII-XVIII) 124

BERNARDO TERNUS DE ABREU

O FENÔMENO IMIGRATÓRIO E O CONTROLE DO TRACOMA: REPERCUSSÕES DA DOENÇA 146

LEONOR C. BAPTISTA SCHWARTSMANN

PÁGINAS DE UM SABER MÉDICO: A PRESENÇA DA TUBERCULOSE EM TRABALHOS PUBLICADOS NO ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA	163
<i>BRUNO CHEPP DA ROSA</i>	
CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO “GRIPE ESPANHOLA: A MARCHA DA EPIDEMIA” DO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL	186
<i>ANGELA BEATRIZ POMATTI E GLÁUCIA G. LIXINSKI DE LIMA KULZER</i>	
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM TEMPOS DE COVID-19	
<i>JANETE ABRÃO</i>	209
“SINTO FALTA DE ABRAÇOS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS E ALUNAS DA UFPel	
<i>QUEZIA GALARCA DE OLIVEIRA, MILENA DA SILVA LANGHANZ E LORENA ALMEIDA GILL</i>	230
INSTITUIÇÕES E ASSISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS	240
A SUPERLOTAÇÃO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO: IMPLICAÇÕES NA INTERNAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS ENTRE OS ANOS DE 1932 E 1937 (PORTO ALEGRE/RS)	
<i>LISIANE RIBAS CRUZ</i>	241
ESTIGMA DA LEPROSA: O MANEQUIM LÁZARO NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ	
<i>HELENA THOMASSIM MEDEIROS, JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES E DIEGO LEMOS RIBEIRO</i>	258
A ALIMENTAÇÃO HOSPITALAR MODERNA E A (RE) PRODUÇÃO DO VIVER SOCIAL NO HOSPITAL MIGUEL COUTO EM NATAL (1927-1955)	
<i>ANDRÉ MOTA E RODRIGO OTÁVIO DA SILVA</i>	276
A MATERNIDADE DO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, ENSINO E ASSISTÊNCIA NO RIO DE JANEIRO	
<i>CAROLINE PEREIRA DAMIN PRITSIVELIS, ANTONIO RODRIGUES BRAGA NETO, ANTONIO CARLOS JUCA DE SAMPAIO, JORGE FONTE DE REZENDE FILHO E JOFFRE AMIM JUNIOR</i>	299
CENTROS DE SAÚDE E POSTOS DE HIGIENE: NOVAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE PARA NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS (RIO GRANDE DO SUL, 1928-1945)	
<i>GABRIELLE WERENICZ ALVES</i>	312
CUIDAR DE POBRES DOENTES NAS MEMÓRIAS DE ENFERMEIRAS RELIGIOSAS NA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE (1956-1973)	
<i>VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO</i>	332

ARTIGOS LIVRES

347

ENTRE COIMBRA E VILA DO PRÍNCIPE: A ATUAÇÃO DO PADRE DR. MANUEL JOSÉ DA FONSECA BRANDÃO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, COMARCA DO SERRO DO FRIO, MINAS GERAIS, 1778 A 1797

DANILO ARNALDO BRISKIEVICZ

348

MODELOS DE ESPACIALIDADE NA HISTÓRIA E NA GEOGRAFIA – UMA COMPARAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA LOCAL FRANCESA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS GERAÇÕES SUBSEQUENTES

JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS

369

(RE)ESCRITURAS NEGRAS EM PÁGINAS BRANCAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO DA SERRA DA BARRIGA

RAYANNE MATIAS VILLARINHO E ANA MARÍA SOSA GONZÁLEZ

388

“MUI SEÑOR MIO, DESPUES DE HAUER RECONOZIDO LAS MEDIZINAS, PARESE QUE HA ENCONTRADO DE MENOS TODO LO QUE PARESE SU PAPEL”: UM ESTUDO SOBRE O TRATAMENTO DE TUMORES NO PARAGUAI COLONIAL (SÉCULOS XVII E XVIII)

Bernardo Ternus de Abreu¹

Resumo: Este artigo é uma investigação acerca das concepções sobre tumores por parte dos jesuítas através de sua documentação escrita na região da Província Jesuítica do Paraguai, no Setecentos. Neste contexto, os padres e irmãos procuravam prover assistência aos enfermos, tratando de seus corpos, ao mesmo tempo em que procuravam salvar as suas almas. Entre práticas mágico-religiosas e práticas medicinais, este artigo procura levantar informações sobre os itens utilizados para os tratamentos, bem como algumas características das intervenções medicinais realizadas pelos jesuítas, através da análise de um manuscrito platino de medicina, de correspondências, de Cartas Anuais, de listas de inventários e de listas de remessas de navios.

Palavras-chave: Tumores, Jesuítas, Práticas medicinais, Práticas mágico-religiosas.

Abstract: This article is an investigation about the Jesuits' conceptions about tumors by its written documentation in the region of the Jesuit Province of Paraguay, in the 18th century. In this context, the priests and brothers sought to provide assistance to the sick, taking care of their bodies, while trying to save their souls. Among magical-religious practices and medicinal practices, this article seeks to raise information about the items used for the treatments, as well as some characteristics of the medical interventions performed by the Jesuits, through the analysis of a platinum medical manuscript, correspondences, and Annus Letters, inventory lists and shipment lists.

Keywords: Tumors, Jesuits, Medicinal practices, Magical-religious practices.

Introdução

Nos últimos anos, alguns trabalhos abordaram indiretamente os tratamentos para tumores na escrita de missionários, como o artigo de Ana Carolina Viotti (2020) sobre a obra “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco”, do padre Leonel de Sousa, escrito em meados do Seiscentos; e a obra “Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus”, de Eliane Cristina Deckmann Fleck (2014), na qual há menção a algumas intervenções curativas e cirurgias em tumores diluídas ao longo do texto. Entretanto, ainda não existe um número de produções sobre o tema no mundo colonial americano.² Este ensaio procura contribuir para preencher algumas lacunas

¹ Mestrando em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Bolsista Capes - PROSUC. E-mail: bernardoternus@gmail.com.

² Algumas obras tratam dos tratamentos para tumores e cânceres no século XVIII, mas suas análises abarcam contextos geográficos outros, distintos do Paraguai. Notadamente, estudam o contexto europeu durante o século XVIII. São obras escritas em sua maior parte por médicos oncologistas e mastologistas, inseridas nos estudos de história da medicina. Podem ser citados os trabalhos “Une histoire du cancer du sein en Occident: Enseignements et réflexions” (Springer, 2011), de Jacques Rouëssé, e “A short history of breast cancer”, de Daniel de Moulin (1989). Por outro lado, alguns historiadores têm se debruçado sobre o tema dos tumores, como foi o caso de Alanna Skuse em “Constructions of Cancer in Early Modern England: Ravenous Natures” (London: Palgrave Macmillan, 2015) e Marie-José Imbault-Huart, com um capítulo intitulado “História do cancro” em *As doenças têm história* (1986), obra organizada por Jacques Le Goff. Estudos posteriores ao século XIX são mais recorrentes, principalmente, no caso brasileiro, sobre o controle institucional do câncer. O trabalho pioneiro no tema é o de Luiz Antônio Teixeira (2007), “O câncer no Brasil: Passado e Presente”. Mais

historiográficas acerca da escrita de padres e irmãos sobre tumores, tomando como foco a Província Jesuítica do Paraguai. O texto se divide em duas partes: a primeira, dedica-se a retratar as menções a tumores nos “relatos de caso” presentes nas Cartas Ânuaas do Setecentos, precedida por uma breve introdução aos tumores nas suas menções no manuscrito platino de medicina intitulado *Libro de Cirugía*. A segunda parte, se dedica a mostrar os itens que eram utilizados nos atendimentos a tumores e sua movimentação, através de correspondências e de listas de remessas de navios que vinham do Velho para o Novo Mundo.

Há algumas décadas, a história das doenças renovou esforços da historiografia ao pensar as doenças não somente como fenômenos biológicos, mas também como fenômenos socioculturais (KORNDÖRFER, 2013, p. 26). Procurando mobilizar significados em torno dos tumores por parte dos padres e irmãos, o desafio desta pesquisa consiste em saber como os religiosos delinearum um tipo específico de conhecimento sobre os corpos e as doenças em uma região do Novo Mundo, como foram afetados em suas práticas medicinais e mágico-religiosas que dispunham previamente de suas vivências no Velho Mundo, considerando as afetações e as potencialidades dos encontros e trocas que se forjaram nas zonas de contato. Nestes processos díspares, os jesuítas tiveram seus saberes modificados (PRAIT, 2007), e passaram por transculturações que implicaram, inclusive, nas formas pelas quais trataram tumores. Por outro lado, realizaram experimentalismos e foram responsáveis pela sistematização de conhecimentos no contexto platino (FLECK, 2006).

Quanto aos procedimentos de pesquisa utilizados nesta investigação, foram realizadas a leitura e transcrição de parte do manuscrito de medicina³, de parte das Cartas Ânuaas utilizadas, e das correspondências entre padres e irmãos, bem como a tradução do alemão de alguns trechos de um estudo pioneiro da historiadora alemã Corinna Gramatke (2019), que publicou as listas de remessas em espanhol mas com texto analítico em alemão. Foram importantes também as análises do *Libro de Cirugía*, já citado, para um entendimento de como eram tratados alguns tumores por padres na Província do Paraguai; bem como o fichamento de uma obra acadêmica sobre tumores produzida na França em 1700, *Recherches sur la guerison des cancers* (1700), de Claude Deshayes Gendron, ainda sem tradução para o português.

Os tumores em um manuscrito jesuítico platino do Setecentos

O *Libro de Cirugía*, de 1725, é um manuscrito de medicina e cirurgia até então pouco trabalhado, cuja transcrição integral é recente. O historiador Guillermo Furlong citou a obra e sua divisão de capítulos, mas análises mais detidas ainda são recentes. O artigo de Eliane Cristina Deckmann Fleck e Maico Biehl (2020) se contrapõe à consagrada historiografia segundo a qual Pedro Montenegro era apontado como o autor-compilador do manuscrito, propondo que a obra seja avaliada

recentemente, Luiz Alves Araújo Neto e Elder Al Kondari Messoria têm produzido trabalhos sobre história do câncer no século XX. Esta pesquisa se centra, entretando, em leituras anteriores ao século XIX, considerando que o recorte do período das reduções no mundo colonial exige afastamentos no intuito de evitar certos anacronismos históricos.

³A transcrição do *Libro de Cirugía* (1725) consistiu em um esforço conjunto que contou com a ajuda dos historiadores Leticia Mallmann de Souza, Rogério Machado de Carvalho, Eric Thomas da Silveira Franz, Leonardo Cirra e Maico Biehl, sob a supervisão da historiadora Eliane Cristina Deckmann Fleck.

como “um manuscrito anônimo” (FLECK, BIEHL, 2020, p. 12). Ao que tudo indica, a obra foi escrita por missionários na Província Jesuítica do Paraguai, em face de algumas referências a missões e a padres e irmãos que atuaram neste espaço geográfico. A autoria da obra é múltipla, pois são cinco caligrafias distintas que a compõem, sendo a terceira caligrafia a que abarca as páginas que dizem respeito ao capítulo sobre tumores.

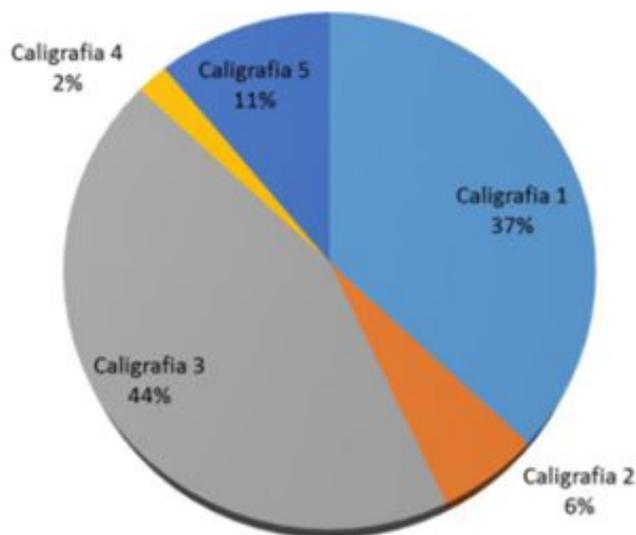


Figura 1 – A terceira caligrafia é a caligrafia do capítulo sobre tumores no Libro de Cirugía (1725) e também é a mais prevalente

O manuscrito possui 205 menções à palavra “tumor”, não havendo uma definição única, embora sejam vistos sob o espectro do humoralismo: “Pero si el humor que causa el tumor es muy grueso...” (LIBRO, 1725, p. 107), segundo o qual o acúmulo de humores era responsável pelas enfermidades. A teoria humoral pressupunha ser o corpo uma espécie de microcosmo, no qual as qualidades dos quatro elementos constituintes da natureza poderiam ser encontrados. A saúde seria alcançada ou mantida quando essas partes constituintes, os humores, encontravam-se em equilíbrio; a doença, por sua vez, poderia ser explicada pela sua falta, excesso ou corrupção. Fleuma, sangue, cólera e melancolia são os quatro humores primários, ao passo que seco/úmido, frio/quente, delgado/grosso e doce/amargo configuram-se como suas qualidades, aos pares (VIOTTI, 2020, p. 5). Os tumores eram relacionados a estes quatro humores: fleuma, sangue, cólera e melancolia, sendo formado através da combinação de um, dois ou até três humores. A seguir, uma pequena representação dos diferentes nomes de tumores referidos ao longo do manuscrito:

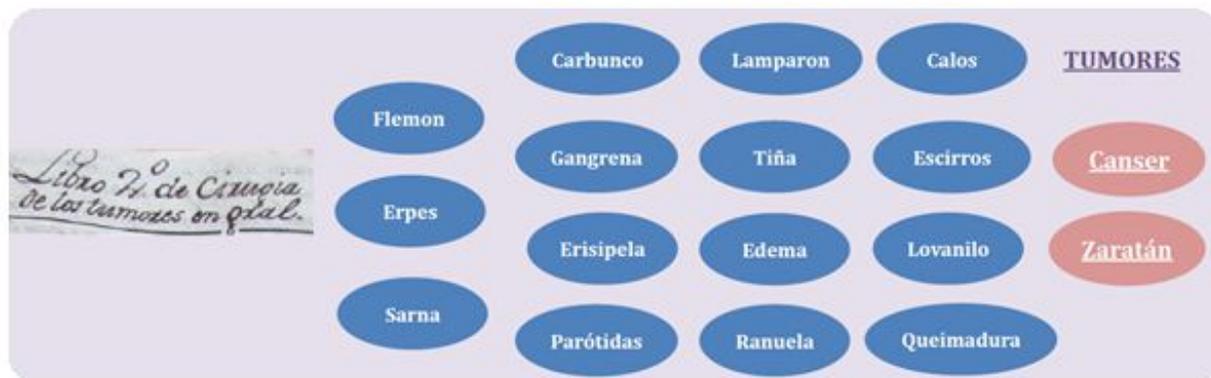


Figura 2 – Classificação de tumores no Livro de Cirugía (1725)

No caso dos zaratáns - como eram chamados os tumores que acometiam os seios - os tratamentos descritos no manuscrito platino eram baseados no humoralismo, sendo realizadas purgas e sangrias. Depois, eram aplicados emplastos à base de ervas, sobre o local, e a cirurgia era somente indicada para os casos mais graves, nos quais não havia recuperação completa através das purgas, sangrias e emplastos. Quando era necessária a operação, ela era sucedida por cauterização com fogo, e em seguida eram aplicados pós medicinais que ajudavam na cicatrização (LIBRO, 1725, p. 362).

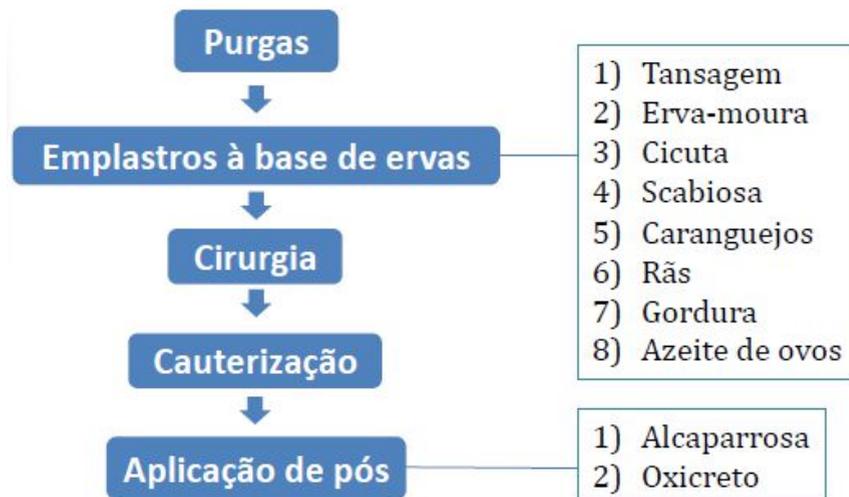


Figura 3 – Tratamento para tumor no seio segundo o Livro de Cirugía (1725)

Os tumores nas Cartas Ânua da Província Jesuítica do Paraguai

Como a pesquisa se dá a partir de documentos escritos pelos missionários, é preciso levar em consideração que a escrita das Cartas emerge de um *lugar social*, que é o lugar da escrita jesuítica. Tomando de empréstimo as formulações de Michel de Certeau (2000) para a operação historiográfica, existem vínculos institucionais entre aquele escreve e um corpo social do qual se faz parte, e que

delimita, baliza o discurso, através do que ele chamou de “interdito” (OLIVEIRA, 2020). O fato da escrita ser centrada na agentividade inaciada e legar pouco mérito aos saberes produzidos pelos nativos é decorrente de um caráter “edificante” da escrita, dirigida para outrem e para a posteridade (LONDOÑO, 2002). Por outro lado, os inacianos procuram se colocar como aqueles que resguardam e protegem os conhecimentos indígenas. Há, contudo, uma retórica da alteridade (HARTOG, 2004), segundo a qual se busca encerrar esses “outros” em parâmetros ocidentais de escrita que culmina em um exercício de poder sobre o objeto narrado.

A consideração sobre o lugar social ocupado pelos padres que escrevem as Cartas, bem como a forma pela qual eles lidam com a alteridade – se afirmando como diferentes do “outro” de distintas formas (HARTOG, 2004) – ajuda na compreensão de alguns trechos das Cartas Anuais com os quais nos deparamos. Nestes casos, os nativos são citados, através do nome de uma planta ou de um tratamento medicinal, ou mesmo de um enfermo, mas, nestas ocasiões, os indígenas não emergem como tais, pois são mediados pelo processo de tradução cultural próprio daquele que escreve.

A porta de ingresso para o debate sobre os tumores segundo uma perspectiva dos “relatos de caso”, algo que não é dado pelo manuscrito de medicina, é, precisamente, através das Cartas Anuais.⁴ Esta escrita possui certas regras que a distinguem de uma correspondência comum entre padres, mas não deixa de ter espaço para a subjetividade, pois é sempre perpassada pela espiritualidade e pelo toque de quem escreve, através da forma como este vivencia o carisma inaciano (LONDOÑO, 2002, p. 13).

Revestidas de concepções e experiências místicas em torno da morte e da doença, as menções a tumores foram casos raros nas Cartas Anuais, mas existentes. Em 1650, uma jovem “embarazada la primera vez, pero con un apostema maligno en el seno”, foi socorrida por um padre que lhe aplicou “una reliquia de nuestro Padre Ignacio”.⁵ Em 1729, no Colégio de Buenos Aires, o irmão Nicolás Pérez Palavecino “se enfermó de tuberculosis, mostrandose un tumor maligno en la pierna”.⁶ Para melhorar dos pulmões e tosses, foi trazido de Córdoba para este colégio, mais retirado, onde poderia contar com melhor assistência ou clima favorável (FLECK, 2014, p. 449). Palavecino não resistiu ao tratamento e faleceu, mas não foi revelado se isto se deu em função da tuberculose ou do tumor em uma de suas pernas.

⁴ As Cartas Anuais utilizadas se referem a: (1) um conjunto de Cartas do período de 1714 a 1765, de posse do Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP), de São Leopoldo-RS, já transcritas e disponibilizadas no acervo do instituto; e (2) um conjunto de Cartas referentes ao Rolo de filme de número 30, de um conjunto de 41 rolos, comprados da Biblioteca Nacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A Coleção De Angelis reúne documentos que foram adquiridos por Pedro De Angelis ao longo do século XIX.

⁵ CARTAS ÀNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1652-1654. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, [1927], 1994.

⁶ CARTAS ÀNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1720-1730. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 104.



Figura 4 – Missões da Província Jesuítica do Paraguai. Fonte: ASÚA, 2014, p. 11.

Em 1732 ou 1733 se enfermou o irmão Juan Jose de Toledo, “hasta que consumida una de suas piernas por apostemas, fue privado de su uso”.⁷ Para se recuperar, foi feita uma novena nos dias que precederam a festa de Santo Antônio de Pádua, “de lo cual resultó, que aquel mismo dia se cerraron las llagas, así que pudo levantarse sano y bueno, y marcharse a la iglesia”. A experiência mística da doença que reitera a fé através do relato de cura é própria do modo como os jesuítas se colocavam entre uma dimensão temporal e espiritual. Algum tempo depois, a enfermidade retornou, e Jose de Toledo veio a falecer, “lleno de méritos por su paciencia”. O sofrimento físico que antecede a morte foi retratado como uma oportunidade para “heroicizar”, através da escrita, aquele que passou por ele – a representação do herói, ou do soldado de Cristo, foi acionada - sendo reiterado um caráter de passagem (e não de término) na morte, bem como da noção da espera, ou paciência, por esta

⁷ CARTAS ÀNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1730-1735. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 23.

passagem.

Os apóstemas, como no caso de Juan Jose de Toledo, foram tratados no Libro de Cirugía de 1725 como um tipo de tumor. Neste manuscrito, os apóstemas foram descritos como “tumores de má compleição, má composição e tumores que eram solução de continuidade” (LIBRO, 1725, p. 362). A ótica hipocrático-galênica, baseada na teoria humoralista, se fez bastante presente, por serem estes constituídos pelo acúmulo de humores e por acarretarem em “elevacion de partes” (inchaços).

Aos setenta anos de idade, o irmão Juan Ávila percebeu que estava enfermo. Durante uma de suas aulas, perdeu completamente a voz: *perdió la voz por un apóstema, el cual no le permitía articular una palabra, ni tomar alimento*.⁸ A doença, que parece ter acometido as cordas vocais e o canal de digestão do alimento, foi combatida cirurgicamente: “Abriose al fin el apóstema, pero parece que su veneno se había propagado ya por todo su cuerpo, atacando su corazón y causándole la muerte”.

Na seção da Carta Ânua de 1730 a 1735 referente às Missões do Paraná e do Uruguai, foi relatado o caso de um jovem de 17 anos de idade, que estava há 7 meses enfermo de um apóstema, o qual havia começado na perna, mas que tomou todo o seu corpo, “*putriéndose este y llenándose de gusanos*”. Durante o tratamento, ele passou um período acamado: “*Por todo el tiempo de su postración en cama, jamás se le oyó quejarse, estando el siempre muy conforme con la voluntad de Dios, ofreciendo sus dolores a Dios y a la Virgen*”.⁹ Depois de alguns dias, o jovem faleceu, sendo a *causa mortis* mais provável uma infecção generalizada, e não precisamente a ação disseminada de vermes (*gusanos*), que dificilmente se espalhariam por todo o corpo. É importante perceber, aqui, que a palavra tumor é polivalente: ela designa, por um lado, formação de massas ou tecidos, sentido mais utilizado, e, por outro, inchaço, aumento de volume, sendo este segundo caso a justificação para a palavra tumor em um caso de vermes ou gusanos.

No ano de 1738, uma mulher teve um tumor ao lado do ouvido, o qual era “duro como una piedra”. Foi tratada a saliência pelo irmão José Gómez, que utilizou uma prática mágico-religiosa quando nenhum outro remédio “habia dado resultado”. Gómez aplicou “la consabida reliquia del Santo”. Sacou “la poderosa reliquia, y la aplicó a la criatura. Al instante se acabó el peligro de la muerte, y poco tiempo después quedó la criatura sana y buena”.¹⁰ Em outro caso envolvendo um tumor, um irmão desconhecido usou remédios cauterizantes para tratar um apóstema que acometeu o jesuíta José Planes. O apóstema maligno levou duros nove meses para ser tratado: “Aguantó nueve meses con paciencia una dolencia muy molesta, que le causó un apóstema maligna, y su curación tormentosa”. Para “cortar el avance de la infección, se le aplicaban remedios cauterizantes”.¹¹ Os remédios cauterizantes eram cáusticos que queimavam, sendo em alguns casos empregado um objeto

⁸ CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1730-1735. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 83.

⁹ CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1730-1735. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 128.

¹⁰ CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1735-1743. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 24.

¹¹ CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1750-1756. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 153.

aquecido ao fogo ou uma própria chama. As dores que decorriam eram bastante fortes, e o irmão José Planes não resistiu ao tratamento e avanço da doença. Percebendo a gravidade de seu quadro, ele “anunció a su confesor que descansaría en el Señor la víspera de este día, de nuestro querido San Ignacio”.¹²

Em uma das reduções ou colégios da Província Jesuítica do Paraguai, entre os anos de 1663 e 1666, um indígena se enfermou de um apóstema. Um dos padres, para “vencer la repugnancia y sanar al enfermo”, optou por “besar las llagas como si fuesen rosas flagrantes y chuparle materia infecta”.¹³ O ato de chupar a ferida foi referido como um aprendizado dos jesuítas, mas se refere a uma prática realizada por indígenas: “parece que todo esto aprendió de San Javier, de quien era muy devoto, y a quien procuraba imitar en todo”. Casos como esse parecem sugerir que as práticas curativas de tumores passaram por um processo de hibridização ao longo da experiência de “contato” (PRATT, 1999).

Nas zonas de contato, espaços sociais onde as culturas díspares se encontram, se chocam e se entrelaçam umas com outras, as práticas envolvendo tumores não passariam ilesas às teias circunscritas por relações de dominação e subordinação. As práticas foram hibridizadas, também, pela própria agentividade dos Guaranis, Abipones, Mocovies e outros grupos. Por outro lado, os indígenas também receberam e se apropriaram de práticas de cirurgia dos jesuítas em suas experiências de transculturação. Em um caso de 1652 na Província do Paraguai, por exemplo, o Padre Bonilla se encontrou enfermo e foi tratado por um indígena com cauterização: “enfermóse allí el Padre Bonilla, y tuvo que sujetarse a un indio rústico, el cual le cauterizó y sangró. Convalecido, se dedicó, como los demás, a su tarea apostólica”.¹⁴

As erisipelas foram tratadas como um dos tipos de tumores relacionados no manuscrito Libro de Cirugía (1725). Elas foram mencionadas em um documento chamado “Estado del Colegio de la Rioja”, de 1739, no qual se comentou sobre o falecimento do padre Thomas Gonzales: “parece se lo alcanzaron tan presto, que estando ya a punto de marchar al otro día, cayo malo del achaque que otras vezes solia padecer de herizipela; y aunque, en otras ocasiones jamas le pujo esta enfermedad a peligro, de esta vez le quito la vida en breves dias, sin otro accidente más”.¹⁵ Segundo o manuscrito de medicina, elas eram “una Ynflamacion causada de colera pecante”, com as quais era preciso ter cuidado, sendo útil o uso do vinagre, um “gran remedio para erisipelas e inflamaciones que amenazan cancer”; e “para llagas corrosivas, cuyo progreso impide”.¹⁶ Se fazia útil também o uso de sangrias, bebidas e a aplicação local do vinho branco. A menção a uma planta nativa na receita, a *torocaa*, é um indicativo da afetação dos jesuítas pelo contato com os indígenas:

Para resolver cualquier tumor, y para madurar, una cebolla blanca, asada, cortese en quartos,

¹² Ibid, p. 154.

¹³ CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1652-1654. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 37.

¹⁴ CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1652-1654. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 37.

¹⁵ ESTADO DEL COLEGIO DE LA RIOJA (1739). De Angelis, Rolo 30, doc 47-960, fl. 1r.

¹⁶ Libro de Cirugía Tradladado de Autores Graves y Doctos, 1725, p. 368.

y uno de ellos calientes se aplique al tumor; poniendo primero sobre la parte un poco de Triaca. A veces es necesario usar de emolientes en tumores demasiadamente endurecidos para que mejor obedezcan à los resolutivos. En tal caso usaremos de las ma vas (que entre las plantas es el mayor emoliente junto con Torocaà, manzanilla, ù con otro, haremos cathaplasma, y fomentaremos la inchazon con el cozimiento (LIBRO, 1725, p. 110).

O abastecimento das boticas¹⁷

Em uma carta de remetente não informado, enviada para o padre jesuíta Sebastian de Garau (1714-1768), foi comentado que o seu pedido de envio de medicamentos ainda não tinha sido atendido.¹⁸ Garau carecia de itens de botica para realizar os atendimentos, mas não vinha recebendo boas correspondências quanto a isso. Pois em 25 março de 1753 Garau foi informado de que não receberia ainda as mercadorias que solicitara. Educadamente, o autor da carta se desculpou pela ausência:

“tengo para V. R.^a mas de la buena voluntad que le professo; y por esta sentire, el que haga a V. R.^a falta, quando para mi no era necessario, que V. R.^a usase de la antigua receta, la semitiera en la ocasión a V. Receta para que continuase ja buen efecto; pero la desdicha mia es no tener nada que me restase para poder mostrar”.¹⁹

A ausência de demais correspondências não mostram quando Garau conseguiu abastecer sua botica. Não sabemos. Mas um segundo caso, de Agustin de Leyza, está mais bem documentado. Uma carta de 9 de fevereiro de 1758, endereçada ao Padre Bartholome Araos, comenta sobre o pagamento de dívidas²⁰ e o despacho de *medicinas* (pedras alumbres e ervas).²¹ Um terceiro caso, envolvendo o cirurgião Mathias Grimau, também está bem documentado. Uma carta do Intendente Martin Altolaquirre,²² comenta sobre as dificuldades para o envio de remessas de *medicinas* ao jesuíta Don Mathias Grimau: “pero hallando en su contenido notable diferencia como contiene las ultimas quasi la mitad mas que la primera se hace preciso suspender la remision de una y outra”.²³ Pois, se na carta anterior não foi comentada a razão da dificuldade de envio dos itens pedidos, nesta carta de Martin de Altolaquirre a Alonso de la Veja a razão para não ocorrer o despacho de sal se deve ao

¹⁷ Este subcapítulo utilizou documentos do Arquivo General de la Nación, de Buenos Aires, cedidos digitalmente por Everton Dalcin, que os obteve a partir do Portal de Archivos Españoles (PARES).

¹⁸ Natural de Palma, Mallorca (Espanha), Sebastian Garau chegou ao Paraguai em 1734, onde ingressou na Companhia de Jesus e realizou os primeiros votos. Em 1745, ele passou a atuar em Buenos Aires, onde permaneceu até a expulsão, em 1767. Faleceu, no ano seguinte, em alto mar (STORNI, 1980, p. 111).

¹⁹ AR-AGN.DE/CJ; 9 – 413, 403.

²⁰ AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 126.

²¹ AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 126.

²² Carta dirigida a Martin de altolaquirre sobre Dificultades de despacho de Medicinas.. A Carta, de 22 de março de 1758, encontra-se no Arquivo General de la Nación, na localização AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 227.

²³ Referido como José Grimau (1718-1776) na obra de Hugo Storni, Mathias Grimau nasceu em Barcelona no ano de 1718 e ingressou na Província do Paraguai em 1739. Os primeiros votos foram feitos em 1741, e os quartos em 1750, em Candelária, Misiones. No momento da expulsão, se encontrava em Candelária, de onde foi para Ravena, na Itália, onde faleceu em 1776 (STORNI, 1980, p. 129).

elevado preço das mercadorias. Na carta de 23 de abril de 1758, Altolaguirre disse: “V. S em la citada de 22 que ha suspendido la compra de la sal que le tema pedido, por estar a precio de dies y seis pesos la fanega, aunque tamadado”.²⁴ Já em 11 de maio, Martin de Altolaguirre agradeceu a Alonso de Veja pelo despacho de víveres ter acontecido, e reforçou a necessidade do despacho das *medicinas* de que necessitava Mathias Grimau na carta comentada anteriormente. Altolaguirre aproveitou, portanto, o despacho dos víveres para assegurar que fosse feito também o envio das *medicinas*:

“Retido a V.S. infinitas gras por la mucho que su bondad ha contribuido al desempeño, de la que dependen cuidado, y en cluio la adjunta razion de las medizinas que D. Mathias Grimau necesita, suplicandole, se sirvia dar la aun convemente para comprandolas quanto antes, se le remitan bien acondicionadas, a cargo del primer chasque que benga, pues me asegura que le hasen [...] falta”.²⁵

Uma semana depois, ainda no mês de maio, Martin de Altolaguirre tornou a escrever, explicando a importância das *medicinas* para um hospital:

“Muitissimo en Carta de del conviente, padea la equivocacion de no hauer incluido la relacion de Medicinas formada por el zirujano mais don Mathias Grimau que en ella cito, y ahora la paso a manos de V. S. receoso de que llegue con la maior brevedad, para que el primer chaque pueda traer este corto socorro ve que tanto carece de Hospital [...] Dedico mior alas ornis del V. S. con verdadera voluntad, y pido a Dios que duvida mas como desso en Borjas, y Mayo 17 de 1758”.²⁶

No dia 14 de junho de 1758, Alonso de la Vega respondeu a Martin de Altolaguirre dizendo que os víveres foram enviados de carreta para Don Joaquin de Evadia,²⁷ e que as *medicinas* seriam conduzidas a Don Bento de Navarro. Na correspondência, Grimau é citado como o principal cirurgião na Missão de Candelária, o que pode ter reforçado a importância do pedido de entrega das *medicinas* e viabilizado o mesmo.²⁸ Tão logo as recebeu, o cirurgião Mathias Grimau constatou a falta de alguns dos medicamentos que havia solicitado. Isso o levou a escrever uma nova carta a Alonso de la Vega, no dia 3 de outubro, pedindo pelas mesmas “com la maior brevedad”:

“Mui señor mio. El Cirujano maior Don Mathias Grimau despues de hauer reconozido las medizinas que V. S. sirvio emviar ultimamente, parese que ha encontrado de menos todo lo que parese del adjunto su papel. En la Herresia del exersito secorose de la Herramientas que expresa el Nuestro Antonio Lezcano, en otro papel que paso a manos de V. S.; y assi lo que corresponde a Hospital, com esto último estimase a V. S. mande comprar y remitir al salto com la maior brevedad para que desde alli benga todo en primera ocasion como selo encargo al Provedor Don Pedro Dionisio Yoyres. Suplico a us medisimule tan frecuentes Impertinenzias empleando mi obediencia enquanto seade su maior agrado entretanto que

²⁴ AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 291.

²⁵ AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 322.

²⁶ Carta de Martin de altolaguirre a alonso de la Vega sobre pedido de Medicinas realizado por Mathias Grimau. AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 332.

²⁷ AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 333.

²⁸ Carta de alonso de la Vega a Martin de altolaguirre sobre despacho de Medicinas Solicitadas por Mathias Grimau. AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 349.

pedido a Señor que un mis años como deseo. San Borja y octubre 3 a 1758.”²⁹

Vinte e três dias mais tarde, em 26 de outubro, Mathias Grimau repassou a Martin de Altolaguirre uma relação dos itens faltantes para que ele não deixasse passar nenhum, e pudesse assim informar o que era necessário para o Provedor Don Jacinto de la Torriente:

“Señor Intendente Don Martin de Altolaguirre. Mui señor mismo en los medicamentos y utiles que han venido de Buenos Ayres no han venido algunas cosas que me son necesarias pues fueron pedidas en uno de los quatro estados que tendo dados como son los simples siguientes: cardenillo quatro libras = agallas dos livras = goma arauiga dos libras = cera virgen 25 libras = y vino seis pudiere hallar toda la cantidad lo que se pudiere hilas veinte y cinco libras = por lo que espero del zero acostumbrado en Numero. Se sirva providenciar lo que llego pedido es quanto se me ofrece pevenir a ç interin ruego a Dios, leg.e los a de vida que desea San Borja y octubre 3, de 1758”.³⁰

A troca de correspondências envolvendo o cirurgião Mathias Grimau revela a comunicação entre diferentes sujeitos, incluindo um Provedor, empenhado na obtenção das medicinas solicitadas. Ela revela também o tempo de espera pela vinda das remessas aguardadas pelos cirurgiões que atuavam na Província do Paraguai. Grimau, por exemplo, esperou mais de oito meses, uma vez que a primeira carta é de 22 de março e a última é de 26 de outubro. Esta era a “escala dos meses”: a forma como operavam os abastecimentos das boticas.

Apesar da “escala dos meses” para abastecimento das boticas, a análise da transcrição da botica do Colégio de Córdoba, de 1772, revelou que a principal botica da Província estava bastante bem abastecida. Fundada em 1680 (FLECK, 2014, p. 156-167), a botica de Córdoba dispunha, no momento da expulsão, de 26 tipos de emplastos diferentes, 5 tipos de vinhos, 33 tipos de lamedores (compostos simples com açúcar), 25 tipos de azeites e 20 tipos de emplastos³¹ (FLECK, 2014, p. 322-323).³² Ainda haviam 52 preparações³³, 64 pós e 9 pílulas. Com base nestes dados, é possível supor que, além de atender os casos de tumores e outras enfermidades, os insumos em Córdoba eram suficientes para que uma parcela deles pudesse ser remanejada para boticas menores, com vistas a um atendimento mínimo em outras regiões (FLECK, 2014, p. 317).³⁴

²⁹ Carta de Martin de altolaguirre a alonso de la Vega sobre Faltantes en despacho de Medicinas y Herramientas realizado por el Último. AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 443.

³⁰ Cópia de Carta de Mathias Grimau a Martin de altolaguirre sobre pedido de envío de Medicamentos y Bienes no despachados Anteriormente. AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 462.

³¹ *Documentos de la Junta de Temporalidades de Córdoba*, AHUNC, caixa (caja) 10, arquivo (legajo) 2, n. 27, Fólio 4536r. In: FLECK, 2014, p. 329-330.

³² *Documentos de la Junta de Temporalidades de Córdoba*, AHUNC, caixa (caja) 10, arquivo (legajo) 2, n. 27, Fólios 4533v e 4534r. In: FLECK, 2014, p. 322-323.

³³ *Documentos de la Junta de Temporalidades de Córdoba*, AHUNC, caixa (caja) 10, arquivo (legajo) 2, n. 27, Fólio 4536v, 4537r e 4537v. In: FLECK, 2014, p. 330-333.

³⁴ Apesar de a Botica do Colégio de Córdoba se encontrar bem abastecida no momento da expulsão, esta não era a realidade de todas as boticas e pequenas despensas de medicamentos nos colégios instalados em regiões mais distantes. Em obra de 1705, o doutor Felipe Borbon ressaltou que a pobreza dificultava a obtenção de certos itens: “los medicamentos químicos merecen la atención, por su facil administracion, pero su costo no se acomoda à la pobreza; y assi numeramos los más baratos, para no retroceder del instituto” BORBON, F. *Medicina y Cirugia Domestica Necesaria a los pobres, y familiar*

A última carta apresentou os itens que faltavam ao hospital mantido pelo colégio: *cardenillo*, *agallas*, *goma arauiga*, cera virgem e vinho. No caso da cera, o manuscrito platino Libro de Cirugía comenta o seu uso no fabrico de unguentos, indicados no tratamento de tumores (LIBRO, 1725, p. 125). São feitas também menções – embora não no capítulo sobre tumores – ao *cardenillo*, utilizado para a preparação de unguentos e bálsamos (LIBRO, 1725, p. 379). Já o vinho³⁵ de que carecia Grimau, foi citado no manuscrito no tratamento indicado para um tumor ulcerado: “Despues sajar la parte encancerada, y labarla bien con agua bien salada, y ponerle en dicho estiercol vebido en vino, y si fuere grande la mortificacion, se sajará profundamente” (LIBRO, 1725, p. 654).

O difícil acesso a certos itens fundamentais para as receitas recomendadas em certos tratamentos certamente exigiu improvisações e adaptações por parte dos irmãos e padres encarregados das artes de curar. A necessidade de adaptação de práticas foi apontada também por Ana Viotti ao estudar a prática da medicina por leigos na América Portuguesa do mesmo período:

Não somente uma adaptação forçada pelos altos custos dos produtos conhecidos ou da impossibilidade de obtê-los à distância, mas um aprendizado e o escrutínio completo da potencialidade de tratar os doentes com novos e outros recursos precisou ser feita pelos que objetivavam, de fato, tratar dos achaques que não cessavam de manifestar-se entre homens e mulheres das Gerais” (VIOTTI, 2020, p. 202).

A necessidade de adaptação parece explicar também, sobretudo no final do século XVII, a administração de tratamentos de cunho mágico-religioso. Segundo Eliane Fleck (2014), desde o começo do século XVII os missionários têm referido a escassez de remédios, com a intenção de justificar o largo emprego de uma terapêutica mágica, baseada na administração dos sacramentos, do licor de São Nicolau, das imagens de santos, de relíquias e da água benta (FLECK, 2014, p. 154).

Por outro lado, as correspondências de Grimau revelam, ainda, que alguns itens chegavam e que certos tratamentos conseguiam ser realizados. Além disso, se havia o controle de estoques, como parece indicar uma das cartas de Grimau, há de se pensar nas boticas dos colégios e missões como espaços mais ou menos organizados, nos quais se procurava contornar as carências de fármacos tradicionalmente empregados mediante experiências feitas com plantas, ervas e raízes, conhecidas por

a los Ricos. Transcripta del Medico Caritativo, con algunos remedios de otros autores. Valencia: Jayme de Bordazar y Artazú editores, 1705, p. 1-2. In: FLECK, 2014, p. 317.. No próprio Colégio de Córdoba, a fim de contornar os preços altos, os padres compraram elementos em estado puro, ao invés de produtos processados, optando por manipulá-los nas dependências da botica, como apontado por Eliane Fleck (2014) ao estudar o mercúrio, que foi utilizado no fabrico de pós, unguentos e comprimidos (Ibid, p. 317).

³⁵ O vinho é bastante citado pelos jesuítas. No Libro de Cirugía, foi referido em receita para o bom funcionamento do coração (LIBRO, 1725, p. 43), em caso de febres (p. 43), em emplastros e bálsamos, e também na preparação de uma bebida que ajudava na manutenção da saúde, chamada eletuário, preparada com mel e pós amassados. Guillermo Furlong mencionou o vinho como um item essencial, elencando-o entre os artigos que levava, consigo, o jesuíta Florian Paucke, em uma viagem para Santa Fé, em 1752. Na ocasião, foi oferecida a Paucke uma cômoda carreta e oito cavalos com sela, e as provisões foram dois cordeirinhos, uma bolsa de erva mate, doze pacotes de tabaco, quatro libras de sabão, um cubo de sal e seis pacotes de agulha de costura. Juntamente com isso, meio balde de vinho, uma panela de ferro e uma caçarola, um prato de estanho e uma sopeira. Também levava consigo uma bolsa de carne assada ou moída, sendo que o sabão, o tabaco e as agulhas eram para dar aos índios, com os quais podia se deparar ao longo do caminho, que duraria semanas. (FURLONG, 1972, p. 33).

intermédio dos contatos com indígenas, criollos e, até, com missionários de outras ordens religiosas. Os resultados destes experimentalismos eram registrados em receitas avulsas e em manuscritos de medicina, farmácia e cirurgia que circulavam entre colégios e reduções.

A menção às dificuldades enfrentadas pelos jesuítas no abastecimento de suas boticas não implica em dizer que os jesuítas somente se interessaram pela medicina em função destas necessidades circunstanciais. Isso seria negar a sistematização de bibliotecas, a redação de livros manuscritos e os estudos naturais conduzidos ao longo de décadas pelos inicianos. A referência à vinda de livros nas listas de remessas, bem como a menção aos doutos em uma obra de medicina platina – o *Libro de Cirugía* – são indicativos de “um tipo de medicina que circulava e que recebia, por certo, a influência dos naturais da terra pelo uso de plantas nativas, mas que dialogava com outros cânones dos doutores” (VIOTTI, 2020, p. 470).

A rede de indivíduos envolvidos na aquisição dos itens de botica e medicina para os padres envolveu procuradores, provedores, intendentes e outros comerciantes ou agentes coloniais ou da metrópole. Não só a interação entre eles foi necessária para a circulação de itens, mas os emissários foram também responsáveis por disseminarem técnicas, receitas e noções em outras localidades da América e Europa, repassando informações para médicos, farmacêuticos e cirurgiões. Parece frutífera, em pesquisa futura, uma abordagem que trate dos agentes envolvidos na produção e circulação de conhecimentos associados ao universo dos tumores, através do estudo de redes. Para Kapil Raj, teórico da circulação de conhecimentos, é possível investigar os atores móveis que “não são nem locais nem globais”, pois “cruzam formações disciplinares territoriais clássicas, aproveitando possibilidades e restrições, constroem espaços adaptados à sua própria atividade, cultivam soluções de continuidade e funcionam através de redes” (RAJ, 2015, p. 173).

Tomando a discussão de que os tumores envolvem a produção de conhecimentos, a circulação³⁶ se dá em espaços conectados, nos quais o comércio transcontinental fornece os contextos de poder assimétrico, ocorrendo de formas particulares e não-lineares. O caso da cartografia britânica em Calcutá do século XIX, estudado por Raj, revela que o trabalho cartográfico apresentado à Coroa britânica e premiado como um estudo dentro das melhores práticas científicas era, na verdade e em boa medida, realizado por indianos locais, que não só afetaram as noções dos britânicos, como realizaram boa parte das investigações a partir de suas próprias noções que eram distintas das “oficiais” (RAJ, 2015). Apesar de não terem recebido o devido mérito, a colaboração evidencia a circulação de conhecimentos, a modificação e uma produção potente/criativa de noções operada nas zonas de contato.

³⁶ A circulação é vista aqui sob o ponto de vista de seu uso pela história das ciências e pela história cultural, à medida que trata das práticas (CERTEAU, 2000). A circulação respeito à forma pela qual os agentes e grupos locais recebem algo vindo de fora, através de processos de adaptação e negociação, lançando ênfase nas formas ativas como eles recebem e se apropriam de algo, o que é distinto de uma noção passiva segundo a qual eles são meros receptores na difusão de conhecimentos. A circulação é uma noção que pode se aplicar a procedimentos, instrumentos, saber-fazer, e envolve pessoas e objetos (RAJ, 2007, 2015), e pode ser conceituada como: "diferente da simples mobilidade, na medida em que implica um duplo movimento de ida e volta, que pode ser repetido indefinidamente. Circulando, coisas, homens e noções muitas vezes se transformam. Circulação... portanto... implica em um aspecto gradual, e não na simples reprodução através do espaço das estruturas e noções já formadas" (RAJ, 2015, p. 170).

As correspondências dos padres pedindo pelo envio de itens mobilizavam a atuação dos padres procuradores, que tinham uma função muito importante em permitir, muitas vezes, que os embarques de itens fossem realizados. Agora analisaremos, brevemente, a atuação dos procuradores.

Sobre Procuradores e navios que atravessam o Atlântico

Não é possível entender a vinda de materiais para as províncias ultramarinas da Companhia sem considerar a atuação dos procuradores, responsáveis pela gestão dos patrimônios das Províncias e pela aquisição de produtos que seriam destinados aos colégios e reduções (MARTÍNEZ-SERNA, 2009, p. 183). O termo procurador é polivalente, pois existem quatro tipos de procuradores (FECHNER, 2014, p. 32). O primeiro deles é o *procurador de província*, função desempenhada pelos eleitos por congregações provinciais para participar da congregação geral ou da congregação de procuradores. Os encarregados dos colégios, casas, estâncias, missões e províncias eram também chamados de procuradores, sendo responsáveis pela contabilidade e pela compra de bens e que exerciam uma função principalmente econômica. Haviam, em terceiro lugar, aqueles que atuavam nas Cortes, representando os interesses da Companhia, como o procurador na corte de Madrid e o procurador geral na Santa Sede. Por último, o procurador das missões era aquele responsável pelas provisões e aquele que tinha uma dupla função: a negociação com as autoridades e a compra de bens.

Os procuradores provinciais eram responsáveis por representar os interesses da Companhia e por construir extensas redes de trocas e de parcerias de trabalho com o mundo exterior à Ordem. Periodicamente, eles se reuniam em Roma para as Congregações Gerais de Procuradores, que definiam aspectos de suas atuações. Com vistas a um acompanhamento da gestão das províncias no Novo Mundo, o Provincial de Roma enviava “visitadores” para inspecionar e fazer auditorias, no intuito de verificar a administração dos esforços transatlânticos da Companhia. O orçamento de que dispunham os provinciais era definidor dos itens e da quantidade de itens que poderiam trazer para cada colégio e missão (FECHNER, 2014, p. 38).³⁷

³⁷ Os procuradores eram encarregados de ir à Europa para realizar compras para a Província Jesuítica do Paraguai. Eles iam a Sevilha, onde tinham contato com o procurador local das Índias, que estava familiarizado com a burocracia, a recebia e repassava algumas quantias aos procuradores, e viabilizava o embarque dos novos missionários. Ele liberava navios de carga para que eles viessem ao Novo Mundo, de modo que os produtos podiam incluir camas, provisões de viagem, vinho, frutas secas, livros, tecidos, ferragens, ganchos, facas e outros objetos de necessidade diária (GRAMATKE, 2019). Na metade do Seiscentos não haviam conexões regulares e legalizadas de navios entre Buenos Aires e Espanha. Não havia mesmo um Vice-reinado que regulamentasse os trânsitos. A regularização só se deu décadas à frente, sendo que nesse meio tempo foi preciso encontrar uma alternativa para viabilizar os trânsitos: a Coroa espanhola passou a conceder licenças individuais para navios ou pequenas frotas navegarem fora de suas rotas até um certo limite. Esta possibilidade de desvio de trajeto foi utilizada por navegadores para aportarem mais próximo do Paraguai. Em 1647, P. Pasto, em uma de suas cartas, afirmou que para aqueles interessados em descarregar materiais no Paraguai, aportar em Buenos Aires tornava o traslado economicamente mais viável e seguro, se comparado com o caminho através do Vice-reinado do Peru (Ibid, p. 165). Como o Protomedicato só seria instalado em Buenos Aires após a expulsão dos jesuítas comentado, nas primeiras décadas do Setecentos não havia uma fiscalização sistemática das mercadorias que chegavam de navio ao Paraguai.

Sobre instrumentos de cirurgia, medicamentos e livros de medicina³⁸

Os navios que partiam da Espanha levavam sobretudo víveres e produtos que tinham algum valor. Artigos como medicamentos ou instrumentos eram carregados em quantidades relativamente ínfimas “pelo peso, mas honrosa pelo seu valor, a inumerável farmacopeia das Índias, tendo à cabeça, os antissifilíticos, o pau-santo e os sudativos, que permitem resistir, quando se é robusto, aos tratamentos mercuriais em doses maciças” (CHAUNU, 1980, p. 331). Os navios de carga continham listas dos itens adquiridos e transportados, chamadas “hojas de registro”, que podem ser acessadas no Arquivo de Índias, em Sevilha (GRAMATKE, 2019, p. 209).

Iniciaremos falando dos metais, que possuem muita utilidade na medicina, seja para cortar, seja para pressionar ou prender. Em uma das listas de registro de 1728, referente aos navios de San Francisco e San Bruno, consta que P. Herrán solicitou um pedido de isenção de impostos, bem como uma permissão para levar oito caixas nos navios.³⁹ Uma delas continha cinco lâminas, juntamente com objetos devocionais, medalhas e relíquias. As lâminas aparecem novamente em uma lista de registro de navios de 1734, na qual Antonio Machoni e Sebastián de San Martín também levaram “caixas [que] continham livros, lâminas, relíquias, gravuras, estátuas de santos”.⁴⁰ É plausível especular que possam ser objetos cortantes, os quais poderiam ser adotados em procedimentos cirúrgicos ou, até mesmo, na confecção de outros instrumentos de medicina (BLUTEAU, 1789, p. 6).

Na documentação referente ao ano de 1704,⁴¹ encontramos informações sobre o conteúdo de 19 caixas, de modo que, na terceira, haviam facas e “lancetas”. Na oitava caixa haviam 120 dezenas de “cuchillos”, termo empregado para se referir a facas. A caixa de número 13 contou com dezoito dezenas de lâminas de barbear (18 docenas de nabajas de afeitar), alicates (tenazas) e fações (machetes). Os alicates ou tenazas eram instrumentos de tradicional importância nos procedimentos cirúrgicos: compostos por dois braços unidos por um eixo, eles permitiam a abertura e o fechamento, sendo empregados para segurar algo com força, ou para rasgar ou cortar, e permitiam que pudessem ser feitas intervenções mais profundas durante as cirurgias (GRAMATKE, 2019, p. 330-331).

Havia na Província uma abundância de estanho, como relatado pelo jesuíta H. José Klausner, em 1719. Ele relatou usar cento e sete “quintais” de estanho no ofício de fundidor. Mais tarde, o padre Antonio Sepp (1655-1733) relatou que os Guaranis chamavam de “itacuras” as pedras

³⁸ Este subtítulo do artigo é fruto da ajuda da Dr^a Corina Gramatke, por ter nos disponibilizado uma tabela com as páginas das listas que continham itens de medicina dentro das informações levantadas em seu estudo pioneiro de transcrição das listas de remessas de navios entre 1609 a 1768. Gramatke pesquisa a transferência material de esculturas policromadas para o Paraguai Colonial no século XVIII, atuando em Düsseldorf, na Alemanha. Seu artigo é de 2019, centrado nestes itens de arte, contudo, a sua transcrição de documentos do AGI pode servir para a retirada de alguns dados para pesquisas de outros âmbitos, como esta, no campo da história das doenças.

³⁹ Anhang B 11.3, Tira 5, AGI, Contratacion, 1701, N. 2, R. 2, fol. 1r-2v, in: GRAMATKE, 2019, p. 211.

⁴⁰ Kisten enthielten Bücher, láminas, Reliquien, Druckgrafik, Heiligenstatuen (ohne nähere Angaben zu Art und Anzahl), Textilien, Wein, Likör und Süßigkeiten (Ibid, 2019, p. 211).

⁴¹ Os documentos se encontram em Buenos Aires, no Archivo General de la Nación, sob a localização: “Anhang 13.7, 1745, Tira 20, AGI, Contratación, 1704, N. 3”.

com listras e manchas pretas que, ao submetidas ao fogo, se fundiam como metal. Eram como “el que se saca de las minas de la Europa”, segundo Sepp (FURLONG, 2009, p. 82). O termo, cunhado pelos indígenas, indica que, em certo sentido, o processo de investigação natural que culminou na manipulação de metais na região é devedor de saberes nativos.

Os jesuítas parecem ter realizado algumas manipulações de metais no período do Setecentos. Em 1644, o Padre Díaz Taño trouxe consigo para a Província folhas de ouro na quantidade para ornamentar um altar de três andares. Havia, portanto, ouro nas reduções e colégios, sendo que, alguns anos mais tarde, os jesuítas fizeram suas próprias folhas de ouro. Em 1756, chegou à região uma caixa com cadinhos e moldes de pergaminho para a produção, através do derretimento do metal. O encarregado de passar o ouro do estado sólido para líquido (fusão) e depois para sólido novamente (solidificação) era o irmão Velasco, estabelecido em Córdoba (GRAMATKE, 2019, p. 224).

Bastante utilizados em cursos práticos de química, os referidos cadinhos serviam para aquecimento de substâncias, bem como desidratação. No manuscrito platino de medicina, o Libro de Cirugía, foram citados os cadinhos no seu primeiro capítulo, Dispensatorio Medicinal. A preparação do láudano, um composto químico, careceu do uso de cadinhos, reforçando a ideia de que a vinda do utensílio tinha fim prático nas bancadas das boticas. O manuscrito platino também mencionou o uso de pós medicinais sobre tumores após as cirurgias, sendo que, curiosamente, os cadinhos possuem a função de redução granulométrica por permitirem a decomposição em partes menores com o uso de um pilão (LIBRO, 1725, p. 31).

Em uma carta do Contador Principal da Casa de Contratación, Don Carlos Valenciano, escrita em 22 de agosto de 1752 ao missionário Joseph de San Antonio, comissário da missão de Cerro de la Sal, encontramos relacionados alguns produtos que ele pretendia carregar em seu navio chamado Nuestra Señora del Rosario. Dentre os quais, estão “herramienttas del Relixioso Carpinttero, y Zirujano, seis Frasqueras las quatro regulares y dos mas pequeñas, de vino, y ag.te diez y seis maletts, con la roma mas manuable algunos Esttuches de Barbero y seis d[ich]hos de lanzet[a]s Seis doz[ena]s de tixeras y Navajas”.⁴²

Don Carlos Valenciano não menciona quais eram as ferramentas de cirurgião (zirujano [sic]), mas informa que deveriam estar em uma maleta ou bolsa separadas dos demais objetos. Pode-se supor que os seis frascos (frasqueras) podiam conter algum composto químico, ácido, éter, uma infusão com plantas, vinho branco, mercúrio ou outra substância não especificada, proveniente de alguma botica na Europa. Eles poderiam conter algo que seria usado no tratamento de determinadas enfermidades, e, também, servir de exemplo da tonalidade, viscosidade e cheiro que uma determinada poção ou preparação deveria apresentar. Assim, uma *frasquera* poderia servir para a identificação dos ingredientes, a fim de que os irmãos e padres pudessem reproduzi-la nas boticas dos colégios e reduções.

Em uma lista de frete de navio do ano de 1706, encontramos a menção à autorização dada pelo Marquês da Casa de Madri para o carregamento de um navio com destino a Buenos Aires, que

⁴²Arquivo General de Indias. Anhang 3.2, 1752, Tira 38 bis AGI, Contratación, 1711, N. 2, fol. [899r], fol [899v]. In: GRAMATKE, 2019, p. 385.

deveria levar alguns itens, dentre os quais, os pilões (almirezés). O pilão é um instrumento importante para triturar sólidos e plantas, sendo necessário na preparação de infusões. Para obtê-las é preciso “machacar” (esmagar) folhas e raízes, empregadas na preparação de cataplasmas ou emplastos que seriam aplicados sobre os tecidos humanos. O instrumento foi utilizado no Libro de Cirugía em receita para preparação de emplastos, (LIBRO, 1725, p. 8) tendo sido também empregado no preparo de receitas indicadas para tumores localizados nos seios das mulheres, retratados na Figura 3. Neste caso, se aplicou um emplastro sobre o local: “en vaso sobre fuego, [...] se le mezclarà la mirra, el incienso, y sucino, bien polvorizados; y la mirra si fuere crasa, que no se puede, hacer polvo, se disolverà [...] en el almirez, y todo unido, y mezclado, se converterà la massa” (LIBRO, 1725, p. 92).

Em uma lista de frete assinada por Francisco de Castañeda, datada de fevereiro de 1743, encontramos menção a uma “los estuches tijerillas y cosas semejantes son p[ar]a uso de los sujetos de la Pro[inc]ia, que cuenta más de 550”.⁴³ Os “*estuches de barbero*” (estojos de barbeiro), eram utilizados para guardar as lancetas e facas. Em um caixote transportado no ano de 1745 haviam 18 dezenas de navalhas de barbear, 6 pedras de afiar, 6 tesouras (*tijeras de trasquilar*) e 6 dezenas de facas de mesa (*cuchillos de mesa*).⁴⁴ As tesouras metálicas (*tijeras*) podiam ser usadas para cortar protuberâncias ou saliências corporais, como no tratamento de aneurismas realizado no Libro de Cirugía (LIBRO, 1725, p. 396). Os aneurismas eram tumores “contra a natureza, formado de sangue, pela dilatação, ou ruptura de alguma artéria, accidente que talvez acontece na sangria do braço” (BLUTEAU, 1789, p. 490), cujo tratamento consistia em extirpação (LIBRO, 1725, p. 396).

Nas levas dos navios de 1745, foram citadas “dos caxitas con yncienso, y otra con Triaca”, e “cinco caxitas de Triaca”; enquanto que, nas levas de 1763, foi citado duas vezes “un cajoncito de Triaca de Roma”⁴⁵. No dicionário de Rafael Bluteau, “*triaga*” é definida como um “remedio contra veneno”.⁴⁶ No *Libro de Cirugía*, a triaga, misturada com azeite de noz moscada, é referida no tratamento de picadas de cobras (LIBRO, 1725, p. 16), mas também é mencionada no tratamento de tumores, para acelerar a sua maturação: “para resolver cualquier tumor, y para madurar, una cebolla branca, asada, córtese en cuartos, y uno de ellos calientes se aplique al tumor; poniendo primero sobre la parte un poco de Triaca” (Ibid, p. 110). É interessante a referência à triaga, pois ela é um indicativo de um produto comercial que angariou fundos para a Companhia de Jesus. A Ordem investiu em coleções de receitas, inventariou fórmulas, testou suas aplicações no ultramar e obteve sucesso com a triaga e outros produtos (VIOTTI, 2019, p. 466; BOUMEDIENE, 2020), e parece ter feito bom emprego dela no tratamento de tumores.

O trecho sobre a triaga no manuscrito menciona uma planta Guarani: “A veces es necesario usar de emolientes en tumores demasiadamente endurecidos para que mejor obedezcan à los resolutivos. En tal caso usaremos de las ervas (que entre las plantas es el mayor emoliente junto

⁴³ Anhang 12, Antonio Machoni (5.6.1731 – 25.3.1734). Anhang 12.1 (1733) Tira 11, AGI, Contratación, 1702, N. 2, R. 2. fol. [15r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 317.

⁴⁴ Anhang 13.7 (1745) Tira 20, AGI, Contratación, 1704, N. 3. fol. [2r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 331.

⁴⁵ Anhang 16.4 (1763) Tira 55, AGI, Contratación, 1717, N. 1 fol. [4r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 348. Anhang 16.5 (1763) Tira 56, AGI, Contratación, 1717, N. 1 fol. [2r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 350.

⁴⁶ BLUTEAU, 1721, p. 490.

con Torocaà” (LIBRO, 1725, p. 110), evidenciando mais um uso da planta nativa, que já havia sido citada no tratamento das erisipelas; bem como a apropriação. Este processo consiste na construção de significado a partir de critérios de classificação sociais e culturais, o que se dá dentro de uma comunidade de interpretação, considerando-se a forma pela qual um conhecimento, oral ou escrito, é assimilado às práticas culturais, podendo ser produzido um outro significado (DI LISCIA, 2002).

Em algumas das listas de fretes dos navios citadas anteriormente aparecem as referências às “coisas de botica”. Em uma remessa de navio de 1635 foram citados dois caixões. Um deles, pequeno, continha coisas de botica e, no outro, estavam ervas de botica. A remessa foi assinada por Luis de Salcedo, Juan de Acoca e Paulo Nuñez,⁴⁷ sendo que há também, outras menções a coisas de botica, que aparecem nas remessas dos anos de 1663, 1673 e 1674.⁴⁸ São também feitas menções a “medicamentos”, as quais ocorrem nas listas de remessas de navio dos anos de 1664, 1699 e 1701.⁴⁹

Na Província vizinha ao Paraguai, a Província Jesuítica do Peru⁵⁰, uma lista de livros que foram carregados de navio mencionou um dicionário bilingue de espanhol e francês, do autor Sobrino.⁵¹ Se um dicionário de tradução era utilizado, é sinal de que obras de medicina poderiam estar sendo lidas do francês. Sabe-se que, naquela época, uma tese importante sobre cânceres foi publicada na França: *Sur la nature et la guérison des cancers*. O texto, de 1701, foi redigido pelo Dr. Claude Deshayes-Gendron como tese na Faculdade de Medicina de Montpellier, e talvez tenha chegado às mãos de algum dos padres e irmãos localizados na Província. Não era incomum a presença de exemplares de tratados de medicina em outros idiomas entre os missionários, pois o Colégio de Córdoba era abastecido com livros escritos em alemão.⁵²

Livros de medicina foram citados nas remessas dos navios. Eles era caros para cirurgiões,

⁴⁷ Anhang 1, Juan Bautista Ferrufino (1632-1636) (1635) AGN, Sala IX 45 5-6 fol. 20b. In: GRAMATKE, 2019, p. 242.

⁴⁸ Anhang 16.3 (1763) Tira 54, AGI, Contratación, 1717, N. 1 fol. [2r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 343-344. Anhang 5.3, (1673) AGI, Contratación, 1224, N. 2, R. 1. fol. 40r. In: GRAMATKE, 2019, p. 281. Anhang 5.6, (1674) TIRA 99, AGI, Contratación, 2725, N. 3, R. 3. fol. 62v. In: GRAMATKE, 2019, p. 288.

⁴⁹ Anhang 4, Francisco Diaz Taño 1658–1663 Anhang 4.1, (1661–64) Tira 97, AGI, Contratación, 2725, N. 3, R. 2 fol. 177r. In: GRAMATKE, 2019, p.263. Anhang 10.2 (1717) Tira 2, AGI, Contratación, 1699. fol. [1r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 307. Anhang 11, Jerónimo Herrán (10.4.1725 – 15.4.1729) Anhang 11.1 AGI, Contratación, 1701, Nr. 2, R. 2. Fol 16v. In: GRAMATKE, 2019, p. 308. Anhang 11.4 (1728) Tira 6, AGI, Contratación, 1701, N. 2, R. 2. fol. [1r] In: GRAMATKE, 2019, p. 311. Anhang 11.4 (1728) Tira 6, AGI, Contratación, 1701, N. 2, R. 2. fol. [1r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 312.

⁵⁰ A Província Jesuítica do Paraguai é vizinha à Província Jesuítica do Peru, tendo sido desmembrada desta em 1593, quando quatro padres e dois irmãos coajutores chegaram ao Paraguai para organizar esta Província. Mais informações sobre os primeiros anos da Província Jesuítica do Paraguai podem ser encontradas em: La sangre de los mártires es la semilla de cristianos nuevos: a consagração póstuma de missionários jesuítas (Província Jesuítica do Paraguai, séculos XVII). In: FLECK, E. *Entre a caridade e a ciência: A prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2014. p. 428-444.

⁵¹ Die Bücherliste für die Mission in Peru [...] und ein Spanisch-Französisches Wörterbuch von Sobrino” (GRAMATKE, 2019, p. 224).

⁵² Segundo um estudo realizado por Mariana Schlosser e Eliane Fleck, 35% dos missionários que atuavam nas artes de curar na Província Jesuítica do Paraguai provinham da Europa Centro-Oriental e falavam, portanto, outros idiomas além do espanhol (FLECK, 2014, p. 231).

boticários, enfermeiros e médicos, pois serviam para instruir e formar, e foram fundamentais no tratamento de enfermidades, dentre as quais aquelas que resultavam de tumores. Os livros divulgavam receitas e as preservavam, bem como os mais distintos pressupostos: humoralistas, iatroquímicos, a medicina astrológica e outras correntes. Mesmo as reduções mais distantes e menores contavam com uma estante de livros, os quais eram acessíveis àqueles que precisavam de alguma informação. No caso dos colégios e, em especial, das boticas, haviam bibliotecas maiores, cujos acervos foram divulgados nos inventários elaborados após a expulsão dos jesuítas (SILVA, 2008, p. 220-228).

Considerações finais

Este artigo procurou se debruçar sobre o universo das concepções e tratamentos de tumores por parte de padres e irmãos jesuítas da Província Jesuítica do Paraguai, na virada do Seiscentos para o Setecentos, e na primeira metade deste século. Uma das premissas de análise foi reconhecer que não existem noções homogêneas compartilhadas, e que cada indivíduo tece sínteses particulares a partir de sua experiência e de suas sensibilidades (DAVIS, 1997).

Procuramos retratar que o termo tumor compreende uma gama de enfermidades que são tratadas de formas bastante heterogêneas entre si, embora existam algumas semelhanças. Neste período, tanto as práticas mais populares quanto as medicinas “oficiais” testavam sua eficácia pela experiência, havendo uma pluralidade de práticas e tratamentos empregados por sujeitos que validavam suas opções através de seu teste prático, o que também se insere em um contexto no qual os experimentalismos procuram revisar os cânones humoralistas (FLECK, 2007) e no qual diversos debates se travavam no âmbito das universidades europeias (EDLER, 2013, p. 8).⁵³ Este texto procurou veicular certas práticas, mostrando influências do humoralismo em determinados momentos por parte daquilo que era veiculado no manuscrito platino, mas esta obra é atravessada também por práticas astrológicas, o que parece prevalecer é que o humoralismo não é uma influência “pura” nem no manuscrito platino ou outros textos platinos, e mesmo no Velho Mundo onde práticas farmacológicas e medicinais eram modificadas por uma série de hibridizações no começo do Setecentos.⁵⁴

A menção aos saberes Guaranis referentes às plantas e práticas medicinais utilizadas nos tratamentos para tumores foi retratada sob o ponto de vista da apropriação de conhecimentos, bem como da “afetação de subjetividades” (FELIPPE; PAZ; 2019). Por outro lado, não há uma noção homogênea de corpo entre as culturas indígenas, de modo que não se pode projetar tratamentos para tumores, simplesmente, para estas culturas, pois elas possuem os seus próprios males e suas curas.

Apesar deste artigo ter se dedicado em boa medida aos objetos físicos acionados em

⁵³ Um certo consenso mínimo entre práticas e formulações da medicina dogmática somente ocorreu, para Flavio Edler, na segunda metade do Oitocentos (EDLER, 2013).

⁵⁴ Trabalhos em “histórias conectadas” têm contribuído para a crítica à noção de ciência colonial e estudos pós-coloniais têm enfatizado esta crítica, pois a noção de ciência colonial pressupõe algo produzido no Novo Mundo sem conexões com outros locais, e também não lança foco para as conexões entre o mundo europeu e os mundos africano e asiático, que o constituíram (BRACHT, 2019). A análise do manuscrito platino não procurou perder de vista estas noções.

possíveis tratamentos de tumores⁵⁵ mas não tanto à descrição do tratamento de cada tumor, o texto traçou alguns aspectos relativos aos tratamentos de tumores que merecem aqui uma consideração. Estes tratamentos parecem se basear em três influências distintas. Primeiro, a bagagem prática e teórica que os cirurgiões, enfermeiros e boticários tiveram na Europa antes de virem para o Novo Mundo, ou que desenvolver em sua formação local. Segundo, a afetação pelos nativos e a apropriação de saberes, efetivados nas zonas de contato e limitados, em certo sentido, pelas fronteiras (BRACHT, 2019, p.7); e, terceiro, os experimentalismos e sínteses de conhecimentos, realizados no Novo Mundo, através de estudos pacientes e da sistematização de escritos, da composição de bibliotecas e revisão de trabalhos já publicados, que podem ter contribuído, em maior ou menor medida, para a produção de conhecimentos originais ou novos. Este último aspecto, motivado por curiosidades e por necessidades, se associa com a noção de os jesuítas realizaram, no Novo Mundo, experiências científicas muito interessantes nas artes de curar (ASÚA, 2014).

Fontes

BLUTEAU, R. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1714-1762. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, [1927], 1994. p. 23.

CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY (Séculos XVII e XVIII). Série De Angelis, Rolo 30. Porto Alegre, LAPDESC/PUCRS.

Correspondências de padres (século XVIII). Arquivo General de la Nación (AGN). AR-AGN.DE/CJ. Portal de Archivos Españoles (PARES).

LIBRO DE CIRUGÍA, 1725. (2014 [1725]). Colección Manuscritos. Archivo Histórico de la Provincia Franciscana de la Santísima Virgen del Rio de la Plata. Buenos Aires: Ediciones Castañeda.

Listas de remessas de navios. Archivo General de Índias (AGI). In: GRAMATKE, C. 2019. **La portátil Europa. Der Beitrag der Jesuiten zum materiellen Kulturtransfer**. In: EMMERLING, E.; GRAMATKE, C: Die polychromen Holzskulpturen der jesuitischen Reduktionen in Paracuaría (1609–1767), 2019.

Referências bibliográficas

ASÚA, M. **Science in Vanished Arcadia: Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of**

⁵⁵ Este levantamento de informações pode ser útil para trabalhos futuros em história das doenças que investiguem outras moléstias, pois considera-se que a história das doenças é um campo de trabalhos conjuntos.

- Paraguay and Rio de la Plata.** Editorial Brill: Holanda, 2014.
- BOUMEDIENE, S. Jesuit recipes, Jesuit receipts. **University of London Press:** Institute of Latin American Studies, 2020.
- BRACHT, F. Medicina Oriental: Filosofia Natural, Medicina e Farmácia na obra de Luís Cactano de Meneses. **Revista de História (USP)**, v. 178, p. 1-40, 2019.
- CERTEAU, M. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- DAVIS, N. **Nas margens: três mulheres do século XVII.** SP: CIA das Letras, 1997.
- DE MOULIN, Daniel. **A short history of breast cancer.** Dordrecht: Springer, 1989.
- DESHAYES-GENDRON, C. **Recherches sur la nature et la guérison des cancers.** Paris, Florentin et Pierre Delaulne, 1700.
- DI LISCIA, M. S. **Saberes, Terapias y Prácticas médicas en Argentina (1750-1910).** Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2002.
- EDLER, F.; FREITAS, R. O "imperscrutável vínculo": corpo e alma na medicina lusitana setecentista. **Varia História**, v. 29, p. 435-452, 2013.
- FELIPPE, G. G.; PAZ, C. D. Interseção de subjetividades: a presença indígena na escrita afetada dos jesuítas. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 12, n. 30, 27 ago. 2019.
- FECHNER, F. Las tierras incógnitas de la administración jesuita: toma de decisiones, gremios consultivos y evolución de normas. **Historica XXXVIII**, 2014: 11-42. p. 32.
- FLECK, E.; BIEHL, M. Manuscritos de Medicina e Farmácia rioplatenses: um estudo comparativo entre a Materia Médica Misionera e o Libro de Cirugía. **CORPUS. ARCHIVOS VIRTUALES DE LA ALTERIDAD AMERICANA**, p. 1-25, 2020.
- FLECK, E. **Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII).** São Leopoldo: Oikos, 2014.
- FLECK, E. Da mística às luzes: a medicina experimental nas reduções jesuítico-guaranis. **Revista Complutense de História de América**, v. 32, p. 153-178, 2006.
- FURLONG, G. **Los jesuitas y la cultura rioplatense.** Buenos Aires, 1994. p. 82. p. 82.
- LONDOÑO, F. Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n.43, 2002. p. 13
- HARTOG, F. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga.** Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- KORNDÖRFER, A. **"An international problem of serious proportions": A cooperação entre a Fundação Rockefeller e o governo do estado do Rio Grande do Sul no combate à ancilostomíase e seus desdobramentos (1919-1929).** Tese (Doutorado), PUCRS, Porto Alegre, RS, 2013. p. 26.

- MARTÍNEZ-SERNA, **Procurators and the Making of the Jesuits Atlantic Network**. In: BAILY, B.; DENAULT, P. *Soundings in Atlantic history: latent structures and intellectual currents, 1500-1830*. Harvard University Press, 2009. p. 183.
- OLIVEIRA, T. M.. Encontro e alteridade nas margens do império espanhol. Os indígenas da pampa-patagônia nas escritas de José Cardiel S.J e Thomas Falkner S.J (XVIII). **SEMINA (UPF)**, v. 19, p. 111-130, 2020.
- PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- RAJ, K. Além do Pós-colonialismo... e Pós-positivismo Circulação e a História Global da Ciência. **Revista Maracanan**, n.13, p. 164-175, Dez. [2013] 2015.
- RAJ, K. Conexões, cruzamentos, circulações: a passagem da cartografia britânica pela Índia, séc. XVII-XIX. **Revista de História e Teoria das Ideias**, v. 24, 2007.
- ROUESSE, J. *Une histoire du cancer du sein en Occident*. Springer, 2011
- STORNI, H. *Catalogo de los jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Plata) 1585 – 1768*. Roma, **Institutum Historicum S. I.**, 1980.
- VIOTTI, A. C. C.. Um estudo sobre as boticas e os remédios dos jesuítas no Império Português (séculos XVII - XVIII). **História Unisinos**, v. 23, p. 464-474, 2019.
- VIOTTI, A. C. C. (2020). As virtudes medicinais do tabaco, a ‘erva santa’, descritas por um missionário europeu no Oriente (c. século XVI). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, 15(1), 2020. p. 3